

MARY WOLLSTONECRAFT: ENSAIO SOBRE PERFIL VANGUARDISTA

Aden Rodrigues Pereira

Resumo: Este ensaio apresenta, sob eixo temático *Precursores Interparadigmáticos*, o perfil intelectual da escritora e feminista Mary Wollstonecraft, cuja principal obra intitula-se *Vindication of the rights of women*. A autora viveu durante o período iluminista entre 1759–1797 e focava seus escritos na defesa dos direitos das mulheres, com postura antiescravagista através de uma manifestação predominantemente intelectual proeminente para a média das mulheres daquele período histórico. Os objetivos são traçar um paralelo entre as ideias de vanguarda da autora para época e algumas das atuais verpons da Conscienciologia, ciência proposta pelo pesquisador Waldo Vieira. A metodologia será descrever o contexto histórico do Iluminismo e das principais características desse movimento, seguido de uma breve biografia da autora, finalizando com um cotejo das ideias de vanguarda da escritora com as da Conscienciologia. Para finalizar, apresentar-se-ão as considerações finais do presente ensaio, apontando os próximos passos da pesquisa biográfica desta personalidade histórica de vanguarda.

Palavras-chave: perfil intelectual; verpons; feminista; Conscienciologia;

Abstract: This essay presents the intellectual profile of the writer and feminist Mary Wollstonecraft, whose main work is entitled *Vindication of the rights of women*, under the thematic axis *Interparadigmatics Precursores*. The author lived during the Enlightenment period between 1759 and 1797 and focused her writings on the defense of women's rights, with an anti-slavery attitude through a predominantly intellectual manifestation prominent for the average women of that historical period. The objectives are to draw a parallel between the avant-garde ideas of the author for that time and some of the current verpons of Conscientiology, a science proposed by the researcher Waldo Vieira. The methodology will be to describe the historical context of the Enlightenment and the main characteristics of that movement, followed by a brief biography of the author, ending with a comparison of the writer's vanguard ideas with those of Conscientiology. To conclude, the final considerations of this essay will be presented, pointing out the next steps of the biographic research of this historical personality of the vanguard.

Key-words: mentalsomatic profile; verpons; feminist; conscientiology

1. INTRODUÇÃO

Este estudo iniciou quando da primeira visita desta pesquisadora ao CEAEC em junho de 2015 ao realizar um *rapport* imediato com a escritora e feminista Mary

Wollstonecraft (MW), cujo busto se encontra na Aleia dos Gênios da Humanidade.¹

Desde o princípio da pesquisa da vida e obra de MW, passou a observar afinidades e sincronicidades com recorrentes repercussões energéticas quanto à trajetória da referida escritora, especialmente no que tange à abordagem vanguardista referente a temas tabus para a época do Iluminismo como a liberdade, o antiescravagismo, o direito das mulheres, a sexualidade feminina, o direito ao voto, a educação infantil (especialmente de meninas) entre outros.

Após um ano de pesquisas esparsas e dermatológicas desta investigadora, o livro *Vindication of the rights of woman; with Strictures on Political and Moral Subjects* (1972) tem sua publicação no Brasil em 2016 à qual esta autora teve acesso imediato, passando, então, a ser seu referencial para ampliação das investigações, agora já com um olhar mais acurado, acerca dos feitos desta mulher como marco histórico do movimento feminista naquele século apresenta repercussões até os dias atuais.

A seguir, esta pesquisadora entrou em contato com a equipe de professores e voluntários da Instituição Conscienciológica Consecutivus (IC-Consecutivus) que se dedica a estudar a biografia e as personalidades consecutivas de autores, artistas e outras figuras de destaque histórico, já que foram estes que tiveram acesso ao conhecimento em vidas passadas e, por hipótese, poderiam estar ressoando neste planeta desde o século XX para realizar recomposições ego, grupo e poli-cármicas em níveis mais avançados.

Neste sentido, foi realizada uma consulta com aquela IC para verificar se algum pesquisador da CCCI (Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional) já estava estudando a biografia de Mary Wollstonecraft: a resposta foi negativa. Assim, esta investigadora partiu, por orientação da equipe de voluntários da Consecutivus, para um aprofundamento na vida da escritora, inclusive participando dos cursos daquela IC para entender melhor conceitos como: retrossenha, vida crítica, sociograma, entre outras verpons da Conscienciológica que pudessem fundamentar a investigação dessa personalidade histórica de MW.

Nesse sentido, o presente estudo objetiva apresentar, primeiramente, um breve contexto histórico do Iluminismo com as características e principais precursores, seguido de uma biografia não-exaustiva da escritora Mary Wollstonecraft e, por fim, um cotejo de suas ideias de vanguarda com algumas das atuais verpons e neologismos da Conscienciológica, apontando, nas considerações finais, os rumos que esta pesquisadora pretende seguir, haja vista o vasto material bibliográfico existente da feminista, a fim de realizar um levantamento bibliográfico mais exaustivo da escritora.

1 A Aleia dos Gênios da Humanidade traz esculturas produzidas por diferentes artistas plásticos. É um corredor de 260 metros de comprimento, onde estão expostos os bustos de diversas personalidades da história, conforme listagem. As esculturas, produzidas por artistas plásticos, estão distribuídas neste caminho que conecta o Tertulium ao Holociclo, no campus CEAEC. A meta é alcançar o total de 400 bustos expostos. (In: http://www.icge.org.br/wordpress/?page_id=1693)

2. CONTEXTO HISTÓRICO DO ILUMINISMO E A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

No limiar do século XVII e XVIII, a crise do Antigo Regime Monárquico Absolutista foi agravada pelas novas ideias filosóficas, econômicas, sociais e políticas que defendiam o livre pensar e a igualdade para todos frente às leis, já que até então, somente quem pertencia ao clero, à monarquia ou às altas patentes do militarismo tinha foro nos debates bem como nas tomadas de decisões político-sócio-econômicas daquele período histórico.

Assim surgiu o movimento conhecido como Século das Luzes, espalhando-se por toda a Europa entre o período de 1680 e 1780, protagonizando mudanças no âmbito cultural, político e filosófico, acompanhado da mudança econômica inevitável que resultaria na Revolução Industrial nos séculos vindouros.

Na economia alguns dos intelectuais de vanguarda defendiam a livre iniciativa, a fim de dar mais liberdade aos cidadãos que, por exemplo, já despontavam como empreendedores ganhando autonomia econômica, mas ainda atrelados ao clero e à monarquia através dos pesados impostos cobrados.

Na Inglaterra, por exemplo, já começavam a despontar algumas descobertas que culminariam, posteriormente, na Revolução Industrial (limiar dos séculos XVIII e XIX), na qual a burguesia inglesa objetivava, através de movimentos revolucionários, desmontar as estruturas econômicas, sociais e políticas que davam suporte ao regime monárquico absolutista, tais como: o poder político da Igreja Católica, a política econômica mercantilista e o poder dos reis.

Alguns pensadores de destaque da época passaram a defender a ideia de que somente por meio da razão poderia-se compreender os fenômenos naturais e sociais, haja vista que o predomínio era ainda de um pensamento religioso, ligado a crenças, dogmas e misticismos dos mais diversos que, segundo tais pensadores, acabavam embotando o pensamento crítico dos cidadãos.

Dos iluministas os que mais se destacaram foram os franceses Voltaire, Montesquieu, Rousseau, Diderot e D'Alembert e o britânico John Locke. Este último rejeitava o conceito de ideias inatas, defendia a ideia de que o governo deveria nascer de um entendimento entre os governantes e seus governados; Voltaire exaltava o livre pensar e a liberdade de crença, indo contra os privilégios da nobreza e do clero; Montesquieu propôs a divisão do poder político em Legislativo, Executivo e Judiciário como forma de equalizar as decisões tomadas em prol da maioria e não de uma minoria privilegiada; Rousseau combatia a sociedade privada, pois entendia que esta trazia desigualdade e opressão do mais forte sobre o mais fraco; Diderot junto com D'Alembert organizou a *Encyclopedie*, veículo das ideias iluministas com pretensões objetivas de esclarecimento de todos e não somente das elites.

Com a expansão das ideologias iluministas, alguns governantes absolutistas obrigaram-se a realizar reformas sociais e econômicas, modernizando suas nações

embora sem abrir mão do poder e, por isso, foram assim chamados os “déspotas esclarecidos”, tais como José II (Áustria), Catarina II (Rússia) e o marquês de Pombal (Portugal). Eles criaram leis que favorecessem o comércio e a produção de manufatura para fortalecer a burguesia, criando escolas laicas, decretando a liberdade de culto, reduzindo os privilégios do clero católico.

Um exemplo disso acontecia na Inglaterra em que os dissidentes ingleses reivindicavam reformas naquele sistema político o qual se pautava na manutenção dos privilégios da Câmara dos Lordes composta por aristocratas que herdavam seus cargos. Nela havia pouca representação dos cidadãos ingleses, especialmente daqueles que não pertencessem à classe mais abastada da aristocracia inglesa. Além disso, era proibida a participação em decisões políticas pelos não-anglicanos.

Assim, o Século das Luzes desponta como um despertar da razão em meio às crenças que vinham sendo inculcadas nas mentes dos cidadãos há séculos, incitando-os a pensar, a raciocinar, a questionar as leis vigentes que estavam sempre a serviço de poucos em detrimento de muitos.

Neste aspecto, em especial, o status da mulher naquela época era totalmente relegado a último plano, uma vez que ela não tinha direito à herança a menos que se casasse quando os bens da sua família passariam diretamente de seu pai para seu marido; tampouco tinham direito de guarda dos filhos os quais, em caso de separação, ficavam sob a responsabilidade do pai. As mulheres também não tinham direito a voto nem a voz perante as decisões coletivas, ficando à mercê da caridade alheia, particularmente quando não constituíam matrimônio.

Como destituídas de direitos, as mulheres ficavam relegadas aos afazeres domésticos, aos cuidados dos filhos e, como coloca MW, à arte do “coquetismo” levando uma vida fútil recheada de fofocas, preocupação exclusiva com a beleza e o vestuário com a mera finalidade de “encantar os olhos”. Isso porque, segundo a autora, não era proporcionada uma educação que visasse ao desenvolvimento intelectual da mulher, tampouco atividades físicas que fortalecessem o raciocínio lógico das meninas, assim como era proporcionado aos meninos. Elas eram relegadas à educação voltada à etiqueta, aos bons modos, ao bem vestir e ao preparo para agradar o futuro marido.

Isso tudo era regrado pelas matronas da sociedade através de textos escritos em revistas voltadas para o público feminino, bem como por pensadores, educadores e religiosos da época que se viam no direito de ditar as regras de como aquela sociedade deveria funcionar segundo os parâmetros de um patriarcado obsoleto.

3. BIOGRAFIA DE MARY WOLLSTONECRAFT

3.1 Infância e adolescência

Nesse contexto sócio-histórico-político nasce em 27 de abril de 1759, Mary Wollstonecraft. Sua mãe chamava-se Elizabeth Dixon, uma filha de irlandeses que se casara com o herdeiro de um próspero fabricante de tecidos e empreendedor

imobiliário, Edward John Wollstonecraft. MW era a segunda criança da prole de 6 filhos do clã.

O britânico Edward John Wollstonecraft, de posse da herança que recebera do pai, preferiu tornar-se um fazendeiro aristocrata ao invés de seguir os passos do pai. Infelizmente, com os *Enclousure Acts*², Edward se veria às voltas com dificuldades financeiras ao investir no ramo da agricultura, ofício este que não dominava.

Os Wollstonecraft, em virtude disso, precisaram trasladar-se diversas vezes ao longo de dez anos subsequentes, enquanto as finanças da família se deterioravam. Na intimidade do lar, o pai de Mary bebia muito e ela frequentemente precisava proteger a mãe dos surtos violentos do pai, já que essa dedicava obediência ao marido, de acordo com as normas sociais vigentes, conforme aponta Pennel (p. 15):

When contradicted or thwarted his rage was ungovernable, and he used personal violence not only to his dogs and children, but even to his wife. Drink and unrestrained selfishness had utterly degraded him.³

O relacionamento de Mary com seus irmãos também era turbulento, já que a preferência dos pais pelo irmão mais velho, Edward, era notória, obedecendo aos costumes da época – sociedade patriarcal – que privilegiavam o gênero masculino, especialmente no que tange aos direitos de herança da família.

Dessa forma, Mary cresceu, conforme aponta Pennel:

Overflowing with tenderness, she dared not lavish it on the mother who should have been so ready to receive it. Instead of the confidence which should exist between mother and daughter, there was in their case nothing but cold formality. (p.16)⁴

Em virtude disso, a educação formal de Mary foi bastante restrita e tardia, tendo ela sido alfabetizada dentro de uma das fábricas de seu pai por um funcionário. Segundo destaca Pennel: “But her education may be said to have really begun in 1775, when her father, tired of farming and tempted by commercial hopes, left Beverly for Hoxton, near London.” (p.17)⁵

2 As Leis de Cercamentos constituíam-se, na Inglaterra entre os séculos XVI e XVIII, em movimentos crescentes de privatização de terras de uso comum dos camponeses, através do cercamento desses locais realizado por poderosos senhores locais os quais tomavam as posses dos trabalhadores rurais, destituindo-os de suas terras.

3 Quando contradito ou frustrado, sua raiva era ingovernável, e ele usava de violência não só com seus cães e filhos, mas até com sua esposa. A bebida e o egoísmo desenfreado o haviam degradado completamente. (tradução livre)

4 Transbordando de ternura, ela não se atrevia a dedicá-la à mãe, que deveria estar pronta para recebê-lo. Em vez da confiança que deveria existir entre mãe e filha, havia no caso delas que uma formalidade fria. (tradução livre)

5 Mas sua educação pôde ser realmente iniciada em 1775, quando seu pai, cansado de investir em agricultura e tentado pelas esperanças comerciais, deixou Beverly para Hoxton, perto de Londres. (tradução livre)

Em se considerando o tipo de educação recebida por Mary, “when she had recognized the mistaken motives of her mother and the weakness of her father, she had been forced to rely upon her own judgment and self-command”, (p.17)⁶ é possível perceber grau de discernimento e maturidade quanto a não repetir as mesmas ações de seus pais em um processo de autculpa que poderia ter minado sua autoconfiança sendo essa uma das marcas de sua manifestação consciencial. Em outras palavras, tão logo ela se viu naquela mesologia, buscou, assim que possível, sua independência através do autodidatismo marcado pela peculiar forma de pensar mais racional que a média do gênero ao qual pertencia.

Desse modo, foi na convivência com o grupocarma mais próximo, a família, que desenvolveu as primeiras ideias de que:

No one can wonder that she doubted if marriage can be the highest possible relationship between the sexes, when it is remembered that for years she had constantly before her, proofs of the power man possesses, by sheer physical strength and simple brutality, to destroy the happiness of an entire household. (p.17)⁷

Ainda na adolescência, MW fez amizade com os Arden de Hoxton, um casal de amigos dos Wollstonecraft, cidade que ficava nos arredores de Londres. Percebendo a curiosidade intelectual que já despontava no comportamento da jovem Mary, colocaram-lhe à disposição uma biblioteca com diversidade considerável de obras, servindo-lhe de preceptores.

Além da amizade com o casal, ela conhece Frances Blood, dois anos mais velha que ela, dotada de habilidades como musical, desenho, leitura e escrita às quais executava com exímia desenvoltura a ponto de conseguir sustentar a família através desses aportes. Este relacionamento foi fundamental na assunção das competências intelectuais de MW. Embora Fanny tivesse um pendor maior para a literatura, em contrapartida com MW que preferia os textos que exaltavam o uso da razão e da lógica, a amizade entre ambas frutificou, ainda que a distância, através de correspondência assídua, isso por causa das diversas mudanças de residência que o pai da jovem Mary Wollstonecraft empreendeu a negócios.

3.2 Início da Adulthood

Aos 19 anos, estimulada pelos problemas financeiros dos Wollstonecraft e pelo fato de não ter direito à herança da família, já que era mulher e estava ainda

6 Quando ela reconheceu os motivos equivocados de sua mãe e a fraqueza de seu pai, ela foi forçada a confiar em seu próprio julgamento e autocomando. (tradução livre)

7 Ninguém pode imaginar que ela duvidou se o casamento pode ser a relação mais elevada possível entre os sexos, quando lembra que, durante anos, isso estava constantemente diante dela, provas do poder que o homem possui, por força física e brutalidade simples, de destruir a felicidade de toda uma família. (tradução livre)

solteira, MW sai de casa para trabalhar como acompanhante da senhora Dawson, uma viúva aristocrata de Bath, nos arredores de Londres. Dois anos depois, MW retorna à casa paterna para cuidar de sua mãe que se encontrava adoentada.

Após a decesso de sua mãe, aos 22 anos, MW deixa mais uma vez a casa do pai para empreender na área da educação de meninas, demonstrando inclinação precoce relacionada à formação cognitiva das companheiras de gênero.

Empenhou-se, assim, em fundar uma escola em Islington – norte de Londres –, posteriormente mudando-se para as proximidades de Newington Green, sob a supervisão de Fanny e a cooperação das irmãs de Mary, Eliza e Everina. Entretanto, apesar de bem-sucedida inicialmente, a escola acabou falindo, tendo em vista que Fanny, acamada com problemas respiratórios, mudou-se, por indicação médica, para Lisboa, Portugal e Mary abriu mão de seu empreendimento para acompanhar sua melhor amiga durante o período de tratamento próximo ao mar, no sul daquele país.

Como as irmãs de MW não compartilhavam do mesmo entusiasmo que a feminista pela educação, enquanto ela acompanhava Fanny no tratamento, a escola acabou definhando.

3.3 Início da carreira como escritora

Nesse ínterim, Hewlett estimula Mary Wollstonecraft a escrever um panfleto⁸ sobre educação e enviá-lo a Joseph Johnson, um editor radical que era dono de uma livraria a qual ficava no pátio da St. Paul's Cathedral. Esse era reconhecido como um empreendedor visionário que havia lançado diversos autores que viriam a se destacar durante o Iluminismo, tais como William Blake, Joseph Priestley, William Cowper e William Wordsworth.

De acordo com Tomalin, naquele momento,

Mary was one more time without a home, job or reference; she had not to live for and had many doubts. She had no perspectives to marry; she has a face which seems to be permanently was 28 years olds marked by lines of sadness and seriousness around his fierce eyes [...] Her most remarkable characteristic was her refuse in back to used techniques by woman who stay in that situation to became those lives more tolerable: flattery, resignation before the will of men, of their superiors, of God, or of all three. (p.89)⁹

8 Gênero textual comum utilizado especialmente da Europa desde o século XII escrito em estilo satírico ou agressivo, predominantemente sobre assuntos referentes à política, posteriormente passando a se chamar folheto.

9 Mary mais uma vez estava sem casa, emprego ou referência; ela não tinha motivo para viver e tinha muitas dúvidas. Não tinha perspectivas de se casar; ela tinha um rosto que parece ter permanentemente 28 anos de idade, marcado por linhas de tristeza e seriedade em torno de seus olhos ferozes [...] Sua característica mais notável foi a recusa de técnicas usadas por mulheres que ficaram nessa situação para terem vidas mais toleráveis: lisonja, resignação diante da vontade dos homens, dos seus superiores, de Deus ou dos três. (tradução livre)

Para satisfação de Mary Wollstonecraft, Johnson destacou o talento que via despontar na autora, instigando-a a investir na carreira de escritora. Assim, ela publicou em 1786 seu primeiro panfleto intitulado *Thoughts on the Education of Daughters* no qual apresentava sua filosofia acerca da Educação desde o berçário até a adultidade das meninas, discorrendo sobre o comportamento, a moral, o lidar com os próprios sentimentos e emoções e outros assuntos que entendia serem passíveis de serem ensinados desde o começo da educação formal às companheiras de gênero. Apesar de a vendagem do panfleto ter sido baixa, este primeiro trabalho da escritora impulsionou-lhe a carreira literária.

De acordo com Ralph (1947), em 1787 MW, enquanto trabalhava como governanta na casa de uma família irlandesa, escreve *Mary*, um romance quase que autobiográfico sobre uma virtuosa e sofredora heroína chamada Mary.

De 1788 em diante, Johnson passou a arranjar-lhe trabalho regularmente, assim MW traduzia livros do francês e do alemão para o inglês, trabalhando como editora assistente e escritora do novo periódico, *The Analytical Review*.¹⁰ Nele escreveu em torno de duzentos artigos sobre educação, sermões, diários de viagem, ficção e livros infantis desde que passara a investir em sua carreira como escritora.

Em 1790 ela publica a obra *Vindication of the Rights of Men* em resposta ao trabalho de Edmund Burke, um estadista britânico conservador que se posicionou contra a Revolução Francesa durante o Iluminismo, intitulada *Reflections on the Revolution in France*. Especialmente nesta obra, seu posicionamento a favor da igualdade entre os gêneros chega ao ponto máximo, somente sendo sobrepujado com a publicação em 1792 de *Vindication of the Rights of Women. with Strictures on Political and Moral Subjects*.

Por seu engajamento nas causas sociais e políticas da época demonstradas através de suas publicações, Mary Wollstonecraft acabou entrando em contato com outros extremistas que frequentavam a companhia de Johnson, tais como William Blake, poeta e artista plástico inglês; Henry Fuseli, um pintor suíço; Thomas Christie, sócio de Johnson na editora; William Godwin, filósofo inglês; e Thomas Paine, o inglês que ajudara a inspirar a revolução americana ao escrever *Common Sense*.¹¹

O convívio com intelectuais que partilhavam dos mesmos ideais da autora passou a servir de subsídio para o aprimoramento das diversas temáticas sobre as quais ela se debruçava, especialmente envolvendo direitos humanos.

10 Periódico inglês publicado entre 1788 e 1798, fundado pelo editor Johnson e Thomas Christi, que proporcionava um fórum de ideias religiosas e extremistas a todos os que quisessem dele participar.

11 Texto em formato de panfleto que convocava as colônias americanas a lutarem para torná-las um só país independente da Grã-Bretanha e a favor da criação de uma república. Há registros de que a obra de Paine tenha vendido mais de 150 mil cópias somente em 1776. Segundo os historiadores, as ideias contidas nesse panfleto teriam inspirado o da Declaração de Independência dos Estados da América.

3.4 Mary Wollstonecraft e o direito à igualdade entre os gêneros

MW começou a perceber que, mesmo com todos os debates sobre a conquista de direitos iguais para homens e mulheres, o reconhecimento de igualdade de gênero ainda teria que passar por uma longa caminhada.

Para ela era incoerente que homem e mulher formassem uma só unidade, considerando o homem como único responsável pelo sustento de ambos, pois a desconsideração deste aspecto poderia implicar em tirania dentro de casa: “How can a being be generous who has nothing of its own? Or virtuous, who is not free?” (p.394)¹²

Mary Wollstonecraft entendia que as mulheres deveriam ter representantes, ao invés de serem governadas arbitrariamente, sem que pudessem participar diretamente de parte alguma das deliberações do governo.

Sob o ponto de vista de MW, se tivessem acesso à educação, então as mulheres poderiam se tornar livres, pois:

To become respectable, the exercise of their understanding is necessary, there is no other foundation for independence of character; I mean explicitly to say, that they must only bow to the authority of reason, instead of being the MODEST slaves of opinion. (p. 146)¹³

Para a escritora, as mulheres precisavam se dedicar a assuntos sérios, tais como leitura, escrita, aritmética, botânica, história natural e filosofia moral, além de recomendar veementemente que suas companheiras de gênero realizassem com regularidade atividades físicas como suporte para o estímulo da mente.

Ao defender que os obstáculos à execução de atividades intelectuais poderiam levar as mulheres ao sucesso por via da educação libertadora dadas ao gênero feminino, Mary Wollstonecraft afirmava que:

Liberty is the mother of virtue, and if women are, by their very constitution, slaves, and not allowed to breathe the sharp invigorating air of freedom, they must ever languish like exotics, and be reckoned beautiful flaws in nature (p.111)¹⁴

Como na Europa Ocidental do século XVIII, as mulheres solteiras tinham pouca proteção da lei e as casadas perdiam sua identidade legal, elas não podiam

12 Como um ser pode ser generoso e não tem nada próprio? Ou virtuoso, e não ser livre? (tradução livre)

13 Para tornar-se respeitável, o exercício de sua compreensão é necessário, não há outro fundamento para a independência do caráter; quero dizer explicitamente que eles devem se curvar à autoridade da razão, em vez de serem SIMPLES escravos de opinião. (tradução livre)

14 A liberdade é a mãe da virtude, e se as mulheres são, por sua própria constituição, escravas e não podem respirar o forte e revigorante ar da liberdade, devem sempre se esgueirar como exóticas e ser comprovadas belas falhas na natureza. (tradução livre)

contratar advogados, assinar contratos, herdar propriedades, votar ou ter direitos sobre seus filhos.

Neste contexto, quando a escritora MW, em 1792, lança sua principal obra reivindicando os direitos das mulheres em 1792, afirma que tanto os homens quanto as mulheres são seres humanos dotados de direitos inalienáveis à vida, à liberdade e à busca pela felicidade.

Nessa publicação, defendia que as mulheres deviam receber educação, ter direito a abrir seu próprio negócio, seguir uma carreira profissional e votar já que metade da espécie humana era do gênero feminino. De acordo com ela: "I speak of the emancipation and the improvement of the whole genre. [...] Let women share the rights that they will repeat the virtues of men; They will perfect themselves by freeing themselves." (p. 473)¹⁵

Suas contemporâneas ou tratavam a mulher apenas como heroína em termos morais, ou se colocavam diametralmente contra o lado intelectual que seria justamente o diferencial libertário da mulher daquele tempo.

A primeira edição de *A Vindication of the Rights of Woman* se esgotou no primeiro ano, e Johnson lançou uma segunda. Uma edição americana e traduções para o francês e o alemão vieram em seguida.

3.5 Mary Wollstonecraft, a Revolução Francesa e os diários de viagem

Ao ir para a França, a fim de participar da luta política que se estabelecera e resultaria na Revolução Francesa, foi recebida por expatriados como Joel Barlow (patriota americano), Helen Maria Williams (poeta inglesa) e Thomas Paine.

Chegando lá, uniu-se aos liberais que também defendiam os direitos das mulheres e eram a favor da limitação constitucional ao governo. Contudo, ao testemunhar a tomada do poder pelos totalitários jacobinos que acabaram por instalar um reinado de terror, MW recuou desapontada por ver as causas de liberdade e igualdade às quais se havia se aferrado, tornando-se uma ideologia que não saíra do papel.

No país francês, ela apaixonou-se pelo americano Gilbert Imlay cuja ocupação era os negócios que o enriquecessem. Com ele, ela teve uma filha a quem deu o nome da melhor amiga de infância, Fanny. Contudo, o relacionamento não prosperou e Imlay as abandonou. Por causa disso, Mary empreende duas tentativas de suicidar-se, mas não obtém sucesso.

Para se recuperar do abandono, decidiu viajar por países escandinavos como Suécia, Noruega e Dinamarca por três meses junto a sua filha, viagem que resultou na produção de um diário de viagens intitulado *Letters Written During a Short Residence in Sweden, Norway and Denmark*. Tais cartas eram endereçadas ao pai de Fanny de forma anônima já que ele era bem conhecido no meio político e não

¹⁵ Eu falo da emancipação e da melhoria de todo o gênero. [...] Que as mulheres compartilhem os direitos de que repetirão as virtudes dos homens; Elas somente vão se aperfeiçoar libertando-se. (tradução livre)

reconheceu publicamente a paternidade da filha, mas também apresentavam as reflexões da autora acerca de direito, política, dentre outras temáticas sobre filosofia e política.

Neste diário, Mary Wollstonecraft apresenta seus conflitos internos acerca da tristeza de ter perdido o amor de Imlay, contudo apresentando ternura e franqueza que são resultado de uma consciência que demonstra ter reflexão profunda sobre o funcionamento de seu próprio comportamento na tentativa de autocohecer-se.

3.6 As últimas publicações e o relacionamento com William Godwin

Em abril de 1796, MW e Godwin se reaproximam, passando a perceber mais pontos em comum entre os dois como, por exemplo, o fato de ele também ter fundado uma escola cujas ideias extremistas levaram o empreendimento à bancarrota.

Além disso, a carreira literária de Godwin também iniciara com uma biografia política insípida: alguns romances comerciais e um livro de sermões; no entanto, ao se colocar contra a extinção dos clubes de debates de ideias revolucionárias, escrevendo cartas abertas de apoio aos participantes, ganha a simpatia do grande público.

Então, em 1793 ele publica *Enquiry Concerning Political Justice*, obra através da qual Godwin instituiu-se como um destacado pensador extremista da Inglaterra daquele período histórico.

Na época em que MW e Godwin reestabeleceram contato, ele ficou intrigado com ela e a convidou para um jantar na semana seguinte, do qual participariam também James Mackintosh e Dr. Samuel Parr, pensadores que haviam escrito as contestações às *Reflections on the Revolution in France* de Burke.

Apesar de tanto Mary quanto Godwin criticarem o casamento como instrumento de exploração entre gêneros acabaram por oficializar a união em maio de 1797, acordando que objetivavam uma relação igualitária entre eles, bem como garantir os direitos da filha, já que MW estava grávida. Dessa forma, a filha passaria a ter direitos pelos quais Mary Wollstonecraft lutara desde jovem.

Assim, em 30 de agosto de 1797, nascia Mary Wollstonecraft Godwin que mais tarde seria conhecida como Mary Shelley, a autora do futuro best-seller *Frankenstein*.

Entretanto, embora o parto tenha ocorrido, a princípio, normalmente, a seguir Mary Wollstonecraft apresentou um quadro de infecção por não ter expelido a placenta. E, apesar dos esforços do médico, no dia seguinte, a escritora começou a sentir calafrios, piorando o quadro até vir a desabar em 10 de setembro de 1797. O companheiro Godwin ficou fortemente abalado a ponto de não comparecer ao funeral que se deu na mesma igreja onde haviam se casado há 5 meses atrás, em *St. Pancras Church*.

3.7 O *post mortem*

Após a morte de Mary, o editor Joseph Johnson publicou a edição que Godwin havia organizado acerca de MW intitulada *Posthumous Works of the Author of a Vindication of the Rights of Woman*, juntamente com um livro de memórias no qual Godwin apresenta sua admiração pela escritora.

Entretanto, ao revelar a intimidade de sua companheira, Godwin causou um efeito rebote que ampliou o espectro de controvérsias acerca da escritora tendo exacerbadas suas atitudes pessoais de foro familiar e relacional mais que suas ideias libertárias.

4. COTEJO DAS IDEIAS PROPAGADAS POR MARY E ALGUMAS DAS VERPONS DA CONSCIENCILOGIA

A partir da breve contextualização do movimento iluminista e da biografia da autora apresentando diversas facetas dessa consciência poliédrica, é possível traçar um cotejo entre algumas das ideias que embasam o Paradigma Consciençial e traços conscienciais da autora que àquela época já despontavam como um diferencial das ideias de vanguarda especialmente em se considerando ela ter ressomado em um ginossoma em um período da história em que os direitos femininos sequer eram considerados.

Na Conscienciologia as premissas do autoconhecimento e da autopesquisa estão diretamente relacionados ao traço do autodidatismo desenvolvido pela consciência ao longo de sua seriéxis. Isso porque, por hipótese, seria pouco provável que a consciência ressomada trouxesse conhecimentos mais avançados de diversas áreas do saber se não os houvesse aprendido em vidas pretéritas sejam elas intra ou extrafísicas. Em outras palavras, tais conhecimentos na atual existência intrafísica não teriam tempo hábil para serem aprendidos e apreendidos em uma única vida.

Outra questão é que o traço da resiliência que faz parte dos perfis daquelas consciências como MW que não costumam desistir diante da primeira dificuldade que se lhes apresenta, dando continuidade aos seus planos, ainda que por tentativa e erro, por entender que ninguém escapa à Lei de Causa e Efeito e que muitas vezes – senão sempre – o saldo resultante do “cair e levantar” constante fortalece a voliciolina como traço consciencial rumo à superação dos obstáculos evolutivos.

Assim, no tocante ao perfil de MW, é possível observar o autodidatismo e a resiliência incontestáveis, tendo em vista que, mesmo sem o incentivo de sua família – devido ao fato de ter nascido mulher – ela se esforçou por adquirir conhecimento e procurou superar os aspectos bélicos de sua mesologia para ir em busca daquilo que acreditava ser o correto não só para si, mas especialmente para aqueles que julgava necessitarem de maior assistência.

Isso fica mais evidente em sua principal obra *Reivindicação dos Direitos da Mulher* quando destaca o valor da disciplina e do uso das faculdades mentais em detrimento de tarefas meramente repetitivas relegadas às mulheres da época desde a infância que em nada cooperavam para a construção da identidade feminina:

Fazer todas as coisas de modo regrado é o mais importante preceito, o qual as mulheres, que, de maneira geral, recebem apenas um tipo de educação desordenado, raras vezes levam em conta o grau de exatidão observado pelos homens, dominados desde a infância pelo método. [...] Levadas por sua situação de dependência e suas ocupações domésticas a estar mais em sociedade, elas aprendem aos poucos e, como para elas o aprendizado é algo secundário, não se dedicam a nenhuma disciplina com o ardor e a perseverança necessários para dar vigor às faculdades e clareza de julgamento. (2016, p.43)

Analisando objetivamente, é possível apontar que os motivos que a levaram a agir assim, poderiam estar relacionados ao orgulho de se tornar uma mulher independente, a fim de sobreviver em um contexto predominantemente patriarcal. Por outro lado, o fato de a autora sair de casa aos 19 anos em busca de seu pé de meia e colocar em prática os conhecimentos adquiridos junto àqueles que lhe proporcionaram os aportes para que ela construísse um sólido conhecimento polimático predominantemente na área da Educação de meninas, aponta para o perfil empreendedor.

Na Conscienciologia o perfil empreendedorista da conscin em evolução surge, por hipótese, de um passado em sua seriéxis em que ela precisou atuar como líder de um grupo, às vezes pouco cosmoético, mas, ainda assim, à frente daqueles que não tinham a coragem necessária de se posicionar, tomar à frente e colocar em prática um planejamento estratégico para alcançar metas que beneficiassem a si e ao grupo ao qual pertenciam.

No caso de Mary Wollstonecraft, seu perfil empreendedorista se deu por, pelo menos, quatro fatores tais como: exemplarismo junto à família; coragem em falar nos direitos da mulher em período histórico em que isso nem era cogitado pela maioria dos pensadores até então; as diversas tentativas de abrir seu próprio negócio na área da educação de jovens mulheres; e investimento na carreira de escritora.

Na Conscienciologia, a pesquisadora e o pesquisador, ao empreender a autoinvestigação consciencial, se depara com uma série de traços conscienciais cuja raiz se encontra no temperamento que trazemos de outras vidas, vivenciado de modo mimético os quais somente começamos a descortinar quando empreendemos a busca sincera e autêntica sem melindres, a fim de impulsionar nosso processo evolutivo.

No caso de MW, o paradoxo das facetas desta personalidade poliédrica se destaca através dos conflitos que trazia dentro de si – apresentados especialmente

na obra *Posthumous Works*, publicada por seu marido Godwin - especialmente os psicossomáticos que a levavam à beira da depressão, haja vista as duas tentativas de suicídio apresentadas em seus escritos, particularmente nas cartas que trocava com amigos mais próximos.

Tais tentativas estão diretamente associadas a envolvimento amoroso com parceiros que teriam frustrado suas expectativas de reciprocidade amorosa, mostrando que nem sempre é fácil equilibrar traços mais psicossomáticos com os mentaisomáticos relacionados às dificuldades da consciência de lidar com suas autimiseses.

No entanto, não se pode deixar de destacar que sua busca era por um companheiro que estivesse ao seu lado, contrariamente ao que a maioria das mulheres buscava em um marido ideal quase sempre atreladas às aparências, à conta bancária do pretendente e à vida de luxo que os mesmos podiam proporcionar a elas.

Neste aspecto, podemos levantar a hipótese de que MW já naquele momento histórico apontava para a técnica da dupla evolutiva, tendo em vista que, apesar da sua falta de lucidez resultante de um emocionalismo exacerbado, buscava um relacionamento em que um parceiro impulsionasse a evolutividade do outro.

Na Conscienciologia, a Técnica da Dupla Evolutiva consiste em:

A dupla evolutiva é a reunião de 2 consciências, notadamente intrafísicas, afins, maduras e lúcidas, que interagem positivamente objetivando a potencialização planejada de suas performances evolutivas, através do convívio produtivo, integral, multimodo e constante. (Vieira, 2012, p.11)

Ao encontrar Godwin, seu companheiro e admirador, uma amizade raríssima parece ter nascido entre eles, corroborando a hipótese que havia desenvolvido acerca de um relacionamento baseado na verdadeira amizade, conforme segue:

A amizade é um afeto sério; é o mais sublime de todos os afetos, porque se baseia em princípios e se consolida com o tempo.[...] Os medos vão e o ciúme afetuoso, ventos que atizam a chama do amor, quando criteriosa ou astutamente temperados, são ambos incompatíveis com a terna confiança e o sincero respeito da amizade. (op.cit., 2016, p.102)

Outro aspecto a ser destacado era seu apreço explícito pela intelectualidade, mas aquela voltada para criar autonomia consciencial, especialmente do gênero feminino o qual Mary Wollstonecraft considerava estar em subnível graças à educação recebida – ou falta dela – em uma sociedade patriarcal que projetava na mulher mero objeto de satisfação e adorno.

Na Conscienciologia um traço essencial ao auto e heteropesquisador é a bibliofilia, ou seja, o gosto incontestável pelo conhecimento através, especialmente,

das obras de valor cultural, já que a partir da leitura e da reflexão acerca do que se lê, ampliamos nossas neossinapses e, portanto, nosso vocabulário cerebral. Isso ampliaria não só nossa capacidade intelectual como paraperceptiva no âmbito holossomático.

Em termos de Educação, é interessante observar que as inquietações pesquisísticas, em contraposição aos aportes que não recebeu dentro da casa de seus pais, MW foi moldando suas inclinações com foco na educação das mulheres praticamente tornando-se uma especialista neste tema, haja vista que a primeira obra que dá destaque à educação feminina, é justamente a que começa a torná-la conhecida.

É possível observar isso na seguinte passagem: “Meninas e meninos, em resumo, brincariam juntos sem qualquer problema se a distinção do sexo não tivesse sido inculcada antes que a natureza assim o fizesse.” (op.cit. 2016, p.66) e também na que segue:

Estou plenamente persuadida de que não daríamos importância a essas afetações infantis se fosse permitido às meninas fazer exercício suficiente, se elas não fossem confinadas em salas fechadas até seus músculos relaxarem e seus poderes de assimilação serem destruídos [...] se o temor das meninas, em vez de ser acalentado e, talvez, criado, fosse tratado da mesma maneira que a covardia nos meninos, logo veríamos as mulheres sob aspectos mais dignos. (op. cit. 2016, p.89)

Por outro lado, vale a pena destacar que ao se deparar com os aspectos bélicos da Revolução Francesa, seu lado revolucionário arrefeceu, pois seus valores em relação ao grupo e ao policarisma mudaram após perceber que a revolução pela revolução não levaria ao propósito maior de igualdade para todos, ou seja, universalismo e cosmoética, naquele contexto, que, na verdade, seguiam caminhos opostos. Isso se pode observar na seguinte passagem mais tarística do que tacionista: “É de justiça, não de caridade que o mundo necessita!” (op. cit. 2016, p.100)

Outra questão ressaltada na sua obra de maior destaque é acerca da postura crítica mesmo diante do aspecto religioso – Princípio da Descrença -, visto que ainda que tenha sido educada em uma mesologia que seguia o protestantismo, ela apresenta um olhar questionador diante de certas “verdades incontestáveis”, ainda que pelo viés de como a mulher era vista pela sociedade naquele período histórico, conforme segue:

Mas, se, como eu penso, puder ser demonstrado que os propósitos desse tipo de vida, considerado como um todo, são subvertidos pelas regras práticas construídas sobre esta base ignóbil, permitindo-me duvidar se a mulher foi criada para o homem. E, embora o grito de irreligiosidade ou mesmo de ateísmo possa ser levantado contra mim, declararei simplesmente que, tivesse sido um anjo do céu a me dizer

que a bela cosmogonia de poética de Moisés e a narração da queda do homem são literalmente verdadeiras, eu não poderia acreditar que aquilo que minha razão diz é aviltante ao caráter do Ser supremo. E, não tendo medo do demônio diante de meus olhos, aventurei-me a chamar isso de uma sugestão da razão, em vez de apoiar minha fraqueza nos largos ombros do primeiro sedutor de meu frágil sexo. (op.cit.2016, p. 108)

Importante salientar que, no tocante à autoreeducaciologia, ela já ressaltava alguns pontos incluindo até mesmo a pacificação íntima como resultado de um temperamento mais reflexivo, conforme segue: “A formação do temperamento é o trabalho frio da razão [...] Digo, comportamento porque a genuína mansidão nunca alcança o coração ou a mente, a não ser como efeito da reflexão. (p.113)

Outro ponto que merece menção é quanto alguns posicionamentos inquietos acerca da extrafísica que demonstram a inquietude pesquisística da autora sobressaindo-se ao comportamento intrafísica dos pensadores de seu tempo, de acordo com o que segue:

Mas uma alma imortal, livre das leis mecânicas e lutando por libertar-se das algemas da matéria, contribui para a ordem da criação, em vez de causar distúrbios a ela, quando, colaborando com o Pai dos espíritos, tenta governar-se pela regra invariável que regula o universo e diante da qual nossa imaginação desfalece. (p.71)

É possível ainda, neste estudo inicial de sua biografia, observar o crescendo que vai de uma intelectualidade mediana e talvez até medíocre em um primeiro momento, durante sua juventude, mas que desabrocha e se desenvolve, à medida que ela vai tendo suas próprias experiências juntamente com os aportes das amizades que vai fazendo ao longo da caminhada, aproveitando cada oportunidade de aprendizagem para aperfeiçoar sua escrita.

Percebe-se que o uso da escrita como instrumento de reflexão, foi de suma importância para o desenvolvimento de sua intelectualidade, uma vez que podia através dela elaborar e reelaborar seus argumentos de forma lógica, desenvolver as autorreflexões, e até mesmo levantar hipóteses sobre seus próprios sentimentos em uma demonstração do destaque que dava à otimização de sua manifestação intraconsciente.

Aqui cabe destacar a importância que é para um intermissivista¹⁶ a produção de suas gestões conscientes já que, por hipótese, será através delas que ele poderá reconhecer seu nível evolutivo, através do autorrevesamento consciente, nas obras que possa ter produzido em vida pregressa que lhe servirá de senha para

16 Conscin homem ou mulher que fez o Curso Intermissivo (Conjunto de disciplinas e experiências teáticas administradas à consciex, depois de determinado nível evolutivo, durante o período da intermissão consciente, dentro do *ciclo de existências pessoais*, objetivando o completismo consciente (compléxis) da próxima vida humana).(VIEIRA, 1994, p.47)

acessar tanto as reciclagens já realizadas quanto aquelas ainda por realizar em vida futura.

A título de síntese, segue um quadro comparativo das ideias de vanguarda de MW e as verpons da Conscienciologia:

Ideias de vanguarda de MW	Verpons da Conscienciologia
Autoconhecimento	Autopesquisa
Autossuperação Pessoal	Autossuperação Intraconscencial
Autodidatismo/Bibliofilia	Autodidatismo/Bibliofilia
Intelectualidade	Mentalsomática
Amor Companheiro	Técnica da Dupla Evolutiva
Independência Financeira	Técnica do Pé-de-meia
Empreendedorismo Pessoal	Empreendedorismo Evolutivo
Produção de obras ideológico- -filosóficas	Produção de Gestações Conscienciais

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das investigações realizadas até aqui, pode-se tecer algumas considerações finais conforme segue.

Mary Wollstonecraft demonstra ter recuperado cons até determinado ponto de sua manifestação intraconscencial, haja vista suas características empreendedoras, bibliofílicas, pesquisísticas, autopesquisísticas e intelectuais.

Embora por vezes “levantando bandeira” e, através de um discurso inflamado, defendendo os direitos das mulheres, é possível perceber que a escritora procura, na maioria das vezes, colocar-se em uma postura racional, defendendo que, se fosse dada às mulheres da época o mesmo tipo de educação a que eram submetidos os homens desde a infância, essas teriam condições de vivenciar na prática o universalismo, que é uma das premissas da Conscienciologia *sine qua non* possibilita a evolução ego, grupo e policármica..

Seu posicionamento antiescravagista, favorável à conquista dos direitos das mulheres e contrário ao regime absolutista dos monarcas, passou a integrar o rol dos ideais iluministas da época. Isso deixou um legado que atualmente influencia gerações de mulheres e homens que buscam uma sociedade mais justa e igualitária.

Na Conscienciologia a máxima “Que aconteça o melhor para todos” busca a igualdade entre gêneros, um verdadeiro estímulo ao fraternismo, universalismo e posicionamento cosmoético, sobrepairando os movimentos sectários que outrora “levantavam bandeiras”. Isso porque, levando-se em consideração a hipótese

da seriéxis, a consciência passa pelas ressomas ora como mulher ora como homem com as finalidades evolutivas de modo a ter e valorizar as experiências mais abrangentes possíveis.

No entanto, não se pode deixar de destacar, que apesar de primar pelo uso da razão, como traços, MW apresentava alguns desequilíbrios emocionais que por vezes a acometia, visto que em seus relatos aparecem exemplos do quanto agia de modo passional quando se tratava dos assuntos amorosos, colocando em cheque o levantamento de bandeira quanto à autonomia feminina em relação ao homem.

Isso porque na intraconsciencialidade demonstrava estar em busca de um afeto que, por vezes beirava à dependência emocional, fato este que, por hipótese, aparece no relacionamento com Imlay com quem teve uma filha fora do casamento, o que foi um escândalo para época.

Importante destacar que em uma ousada característica da sua personalidade e temperamento, fez carreira como escritora profissional em tempo integral, tratando de temas polêmicos sem o patrocínio de nenhum aristocrata, característico dos escritores da época, afirmando que seria a primeira de um novo gênero.

Certamente que há muito ainda por pesquisar acerca desta autora, uma vez que sua obra foi obnubilada pela história devido a suas ideias de vanguarda para a época que, especialmente após sua desdama, escandalizou a sociedade patriarcal Iluminista.

Assim, na continuidade deste estudo, pretende-se realizar um levantamento minucioso dos traços e traços dela, a partir do estudo de mais biografias de Mary Wollstonecraft, bem como de outras contribuições que deixou em termos de verdades relativas de ponta em uma época que as mulheres eram consideradas despossuídas de inteligência e “pendor” para a intelectualidade.

REFERÊNCIAS

GODWIN, W. **Memoirs of the Author of a Vindication of the Rights of Woman**. Eds. Pamela Clemit y Gina Luria Walker. Peterborough: Broadview Press Ltd., 2001.

PENNELL, E. R. **Life of Mary Wollstonecraft Godwin**. Boston Robert Bros, 1885; 360 p.; 19 cm.

TODD, J. **Mary Wollstonecraft: A Revolutionary Life**. Londres: Weidenfeld and Nicholson, 2000.

TOMALIN, C. **The Life and Death of Mary Wollstonecraft**. Penguin, 1992.

WOLLSTONECRAFT, M. **Reivindicação dos Direitos da Mulher**. (trad, Ivania Pocinho Motta). São Paulo: Boitempo, 2016.

_____. **The Vindications: The Rights of Men and The Rights of Woman**. Eds. D.L. Macdonald y Kathleen Scherf. Toronto: Broadview Literary Texts, 1997.

_____. **Thoughts on the Education of Daughters**. Londres: Printed by J. Johnson (1787), 135-7.

VIEIRA, W; 700 Experimentos da Conscienciologia; 1.058 p.; 700 caps.; 147 abrevs.; 600 enus.; 8 índices; 2 tabs.; 300 testes; glos. 280 termos; 5.116 refs.; alf.; geo.; ono.; 28,5 x 21,5 x 7 cm; enc.; Instituto Internacional de Projeciologia; Rio de Janeiro, RJ; 1994; página 47.

Idem; **Manual da Dupla Evolutiva**; 208 p.; 40 caps.; 16 refs.; alf.; 21 x 14 cm; br.; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC); Rio de Janeiro, RJ; 2012; página 11.

WARNDLE, Ralph M. **Mary Wollstonecraft**, Analytical Reviewer. PMLA. Modern Language Association. vol. 62, nº 4, dec. 1947, p.1.000-1.009. In: <http://www.jstor.org/stable/459145>

WEBLIOGRAFIA

POWEL, J. **Biografia**: Mary Wollstonecraft. 10/10/2008. Instituto Ordem Livre. Disponível em: <http://ordemlivre.org/posts/biografia-mary-wollstonecraft>. Acessado em: 15/04/2017.

O ILUMINISMO. **História Geral**. Disponível em: www.historiamais.com. Acessado em: 15/04/2017.

Aden Rodrigues Pereira é graduada em Letras/UFPel; especialista em Tradução Português-Espanhol/UGF; mestre em Letras – Linguística Aplicada/PUCRS; doutora em Estudos da Tradução/UFSC; e atualmente professora universitária da UNIPAMPA desde 2007. É voluntária da Conscienciologia desde dezembro de 2014; tenepessista desde março de 2015; docente desde julho de 2015; verbetógrafa desde janeiro de 2016; aplica a técnica da dupla evolutiva desde março de 2015.